

**CONTRA
AS
HERESIAS
DE
IRINEU**

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação
(CIP)

*M543 Biblioteca do Mundo, 2000 –
Contra as Heresias de Irineu
São Vicente/SE Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 695 p. ; 21 cm
ISBN: 9798610916842*

1. Cristianismo 2. Gnosticismo 3. Irineu 4 . História
Eclesiástica 5 – Apologia 6 – Patrologia
Título

CDD 090 / 110

CDU 11 / 133

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL
-CGC 66.504.093/0001-08

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não tem a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

INTRODUÇÃO

Quão comum é ouvir alguém dizer: "Sou espiritual, não religioso". Uma afirmação muito gnóstica. Basta olhar as prateleiras religiosas da livraria local para ver que o gnosticismo, a antiga heresia e inimiga do cristianismo, está viva no mundo moderno. Lá você encontraria um pingo de espiritualidade, com tópicos sobre "Nova Era", transcendentalismo, astrologia, reencarnação e maneiras de obter um "conhecimento secreto". Cultos e sistemas de crenças para obter conhecimento secreto, ou gnose, eram toda a raiva de volta no segundo século também. Seitas gnósticas estavam em concorrência direta com a nascente Igreja Cristã. Foi em meio à ameaça do gnosticismo que talvez tenha surgido o maior Pai da Igreja do século II, o chamado "Santo Irineu".

Irineu nasceu em 130 DC em Esmirna (atual Turquia) e morreu em 202 DC em Lyon, na França, onde se tornara bispo. Na juventude, Irineu era discípulo de Policarpo, que foi martirizado em 155 dC, mas que havia sido discípulo do apóstolo João Evangelista. Assim, a estreita ligação histórica de Irineu com João empresta uma credibilidade apostólica e peso distintos a todos os seus escritos. Seu maior trabalho é o enorme conjunto de cinco volumes de livros *Adversus Haereses*, ou *Contra as heresias*, livros estes que apresentamos aqui em um só volume. Temos aqui uma refutação das doutrinas do gnosticismo. Além de sua proximidade com João e os

Pais Apostólicos, os escritos de Irineu são todos completamente universais.

Os movimentos gnósticos heréticos levaram Irineu a desenvolver a teologia da Igreja e a cristologia, ou um entendimento de exatamente quem é Cristo. Irineu desenvolveu a idéia da necessidade de uma expiação e redenção corporais através da humanidade sagrada de Jesus. Para entender isso melhor, devemos primeiro olhar para os falsos ensinamentos do gnosticismo.

As seitas gnósticas enfatizavam um conhecimento secreto, pseudo-místico, que tinha que ser adquirido para a salvação, e geralmente reservado apenas para os poucos que eram considerados espiritualmente dignos. Como tal, o gnosticismo tornou-se associado ao elitismo. A maioria dos mitos gnósticos, baseando-se fortemente na filosofia pagã grega, ensinava que as coisas do mundo eram criadas por um semi-deus perverso, Demiurgo, e, portanto, o mal. O universo material maligno está então em desacordo com a bondade do Criador Supremo e o mundo espiritual. O gnosticismo desceu para uma forma de dualismo, onde o corpo e toda a matéria são maus, e tudo o que é espiritual é bom. O mundo, e tudo o que está nele, deve ser rejeitado. O homem é visto como uma centelha do Deus espiritual, mas aprisionado no mundo material do mal e aprisionado no corpo.

Isso está em contradição direta com os ensinamentos do cristianismo. O homem não é simplesmente um ser espiritual, que descarta o corpo na morte. O homem é um ser composto de corpo e alma. No

livro de Gênesis, Deus chama toda a criação de "boa" e, mais tarde, no sexto dia, quando Deus cria o homem, ele o chama de "muito bom". sua negação da bondade do mundo material. Irineu lutou vigorosamente contra essas heresias. (Escriba de Cristo)

APRESENTAÇÃO INTRODUÇÃO

I LIVRO - SISTEMAS GNÓSTICOS SISTEMA FUNDAMENTAL

A. O Pleroma e os Éões que o compõem
“Paixão” de Sofia

Cristo e o Espírito Santo Argumentos escriturísticos
B. Fora do Pleroma Acamot, origem da matéria Refutação breve e irônica

Origem do homem: três gêneros A predestinação e as obras Textos escriturísticos

Breve refutação A Regra da fé

VARIANTES AO SISTEMA FUNDAMENTAL

Valentim Secundo Um anônimo Ironia

Outros anônimos Escola de Ptolomeu

A. Comportamento imoral Doutrina de Marcos

B. Doutrinas sobre a primeira Tétrada C. Proliferação do Silêncio

D. Os números, substância das coisas E. A criação do mundo

F. Argumentos escriturísticos Simão, o mago

Menandro

Saturnino e Basíledes

Carpócrates Cerinto

Ebionitas e nicolaítas Cerdão

Marcião

Outras seitas menores A seita dos barbelonitas Ofitas e setianos Cainitas

CONCLUSÃO

II LIVRO - TEORIAS GNÓSTICAS E SUA REFUTAÇÃO O DUALISMO DEUS-CRIADOR

Único Deus Pleroma criador Os anjos não são criadores...nem um segundo Deus

Defeitos no Ser supremo. Trevas e vazio Ignorância e dependência Desconhecimento de Deus pelo Criador.

O mundo inferior, cópia e sombra do superior Nosso mundo, sombra do superior

Testemunho universal em favor do Deus criador Ironia sobre a atividade criadora de Acamot Por defeito

Por excesso

Primeira série de emissões Testemunho dos poetas antigos Arbitrariedade das divisões numéricas Infinitude de cópias.

Origem igual, igual natureza

Sofia-ignorância. Entímese-paixão O germe depositado sem o Pai saber Refutação da argumentação bíblica Contra o número 30

Números irreduzíveis

GNOSE VERDADEIRA E GNOSE FALSA

Mistério de Deus e atitude do homem

As obras salvam ou condenam o homem Aplicações a cada uma das teorias

Sobre a necessidade de fazer todo tipo de experiências A transmigração das almas.

Nomes divinos diferentes **CONCLUSÃO**

III LIVRO DOUTRINA CRISTÃ A TRADIÇÃO APOSTÓLICA

DEUS, ÚNICO E SENHOR, PAI DE Nosso
Senhor JESUS CRISTO

A. Visão geral Testemunho dos profetas
Oração

Testemunho dos apóstolos Afirmações de Cristo

B. Testemunho dos apóstolos e dos discípulos
Dos evangelhos Mateus

Lucas Marcos João

O Evangelho: único e quadriforme

C. Testemunho dos Atos dos Apóstolos Pedro
Filipe Paulo Estêvão

Os apóstolos, reunidos em concílio D.
Solidariedade dos hagiógrafos Escritos não paulinos

Os escritos de Lucas Os escritos paulinos Atitude
dos hereges

JESUS CRISTO É UMA ÚNICA PESSOA,
VERBO ENCARNADO E SALVADOR

Erros dos hereges

O Verbo identifica-se com o Cristo Jesus
identifica-se com o Cristo

A pomba, símbolo do Espírito Santo, não do
Salvador do alto O Salvador é Jesus

Era necessário que o Verbo sofresse para a
nossa salvação Efeitos da paixão

Não é somente homem

A “economia” divina: magnanimidade do desígnio
O sinal da Virgem

Redenção também para Adão CONCLUSÃO

O depósito da fé A bondade de Deus Votos
apostólicos

IV LIVRO - CONTINUIDADE ENTRE ANTIGO E NOVO TESTAMENTO DEUS ÚNICO, PAI E DEMIURGO

Pelo testemunho de Jesus Pelas palavras de Moisés Resposta a duas objeções

Jesus Cristo fala do Deus de Abraão

O Filho conhece e revela um único Deus Pai O Deus de Abraão é o Deus revelado por Jesus Nosso Senhor não aboliu a Lei

O Novo Testamento foi predito pelo Antigo

O Antigo Testamento dá testemunho a Jesus Cristo **DEFEITOS PRESUMIDOS NO ANTIGO TESTAMENTO**

É o homem que muda, não Deus.

Antigo e Novo Testamento concordam no preceito fundamental Cristo aperfeiçoa, não abole a Lei

Deus não fez a criação por fins egoístas Deus quis o bem do homem.

A circuncisão é sinal, não causa da salvação

Deus não se irou por causa dos sacrifícios do Antigo Testamento Perfeição dos sacrifícios do Novo Testamento.

GRADUAÇÃO DA REVELAÇÃO

Transcendência de Deus

Deus torna-se acessível em Jesus Cristo, Os profetas viam parcialmente

Acontecimentos do Antigo Testamento explicados no Novo, Continuidade entre os dois Testamentos

Os semeadores e os ceifadores

O chamado dos pagãos à fé. Suas condições de inferioridade A incircuncisão liga-os a Abraão

O ideal dos sacerdotes

No Antigo Testamento os defeitos são relevados e condenados Superioridade moral do Novo Testamento

Resposta a duas objeções. Endurecimento do coração do faraó Furto dos hebreus.

Justificação das filhas de Lot único Deus revelador.

GNOSE VERDADEIRA E GNOSE FALSA

O verdadeiro discípulo “espiritual” Profecias e seu cumprimento.

A novidade é o próprio Senhor Explicações inconsistentes dos gnósticos

Unidade de Deus nas parábolas de Jesus. A parábola dos vinhateiros Parábola dos convidados às núpcias.

Outras parábolas:

Liberdade: contra as categorias gnósticas Imperfeição e educação do homem Docilidade para com a ação de Deus Prêmio e castigo segundo o mérito.

Os maus são filhos do diabo.

CONCLUSÃO

V - LIVRO ESCATOLOGIA CRISTÃ

RESSURREIÇÃO DA CARNE

A carne de Cristo. A carne eucarística

O poder de Deus na fraqueza da carne Os corpos podem viver por muito tempo O homem é alma, corpo e espírito.

O penhor da ressurreição O penhor é o Espírito
Carne sem respiração

O enxerto do Espírito

As obras da carne e os frutos do Espírito A obra
do Espírito.

A mesma carne ressuscita

Uma expressão paulina mal entendida Em Cristo
ressuscitou a nossa carne A mesma carne, o mesmo
Criador.

A salvação é obra do Verbo

A redenção da carne revela o Pai O Verbo,
mediador perfeito TRIUNFO DE CRISTO

A economia da Virgem Sabedoria de Deus na
Igreja

Luta contra o demônio: as tentações Libertos da
antiga escravidão.

O pecado original Mentiroso desde o princípio

O Anticristo: profetizada a sua vinda Previsto o
fim do seu reino Condenado por Deus

Envolve os seus seguidores Recapitula em si
todas as iniquidades O nome misterioso do Anticristo

O REINO ETERNO

Preparação gradual Cumprimento da promessa
As profecias de Isaías.

O reino dos justos CONCLUSÃO

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40 do século XX, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “Santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva,

cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para boa compreensão do texto. O que interessa é pôr o leitor diretamente em contato com o texto. Ele deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos, em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato que os padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente,

o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, Padre ou Pai da Igreja se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de são João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras, que agora Paulus Editora oferece ao público, pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesial, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner – A. Stuiber, Patrologia, Paulus, São Paulo, 1988, pp. 21-22).

INTRODUÇÃO

“Existem cinco razões, que a nosso modo de ver, evidenciam não ser supérflua a estafante atividade de transcrever este livro. Primeira, porque é raríssimo, pois caído o silêncio sobre as heresias, destruídas em nossos dias com insólita violência, quase ninguém mais se anima a manuseá-lo. Segunda, que o autor é antigo, próximo aos tempos apostólicos e por isso digno de fé. Terceira, que tudo o que escreveu a propósito dos heréticos não recolheu só por ouvir dizer ou por fama, mas ouviu ensinar em grande parte pela viva voz de tais mestres e com os próprios olhos viu praticar, pois lhes era coevo, ou seja, contemporâneo e natural daqueles lugares. Quarta, acerca das heresias daquele tempo, nenhum outro discutiu com maior profundidade e clareza. Quinta, é necessário sobretudo restabelecer a ciência das armas da Igreja militante — descuidadas em tempos de paz — porque diminuindo os defensores a tirania vai se enfurecendo tanto mais agudamente quanto é livre em fazê-lo impunemente.”

(Do prólogo às obras de santo Ireneu, composto por: Floro de Lião pelo ano 860.)

A estrutura deste estudo de Ireneu tem, basicamente, duas partes: apresentação das teorias heréticas e a refutação delas pela doutrina cristã; serão combatidas as primeiras e fortificada a segunda; demonstradas as limitações e falsidades das primeiras para enfatizar o acesso e vivência do Deus verdadeiro,

comprovação e sustentação da veracidade da segunda; salientar a falácia das primeiras e indicar a segunda como fonte de vida.

Os cinco livros não são o resultado intencional do esquema original. O desenvolvimento da pesquisa de Irineu exigiu-lhe a ampliação física dos estudos, apesar de no I livro afirmar a intenção de inicialmente apresentar as heresias e depois refutá-las; mas já no III livro o autor promete tratar alguns argumentos em livros posteriores. Parece que o plano inicial foi sendo modificado e ampliado à medida da necessidade, ainda que se tenha conservado a intenção primeira de duas partes (apresentar as heresias e depois os cânones da verdade). O conjunto da obra revela, pois, certa complexidade e freqüentes repetições — que em certo sentido tornam cansativa a leitura a um espírito cartesiano ou matemático —; tal fato também se prende à intermitência com que Irineu escreveu seu estudo em meio às atividades episcopais. Todavia, *Adversus haereses*, como tradicionalmente é conhecida esta obra, é exposição convincente, simples e persuasiva da doutrina da Igreja, além de ser a única fonte atual para o conhecimento dos sistemas gnósticos e da teologia da Igreja dos Padres, do final do século II.

O título e as diversas ênfases do texto dão a própria estrutura do livro:

1. Exposição do sistema gnóstico e suas variações, “segundo princípios que por si só bastariam para refutá-los” (breve resumo da doutrina da Igreja — I livro).

2. Refutação dos falsos conhecimentos:

- a. Com argumentos racionais, apelando às regras da fé e de acordo com a Tradição (II livro);
- b. Com os ensinamentos dos apóstolos contidos na Escritura e na Tradição (III livro);
- c. Com as palavras do Senhor (palavras claras e parábolas), contidas tanto no AT quanto no NT — pois as palavras escritas no Antigo Testamento são palavras de Cristo (IV livro);
- d. Ainda com outras palavras do Senhor, cartas apostólicas, especialmente de são Paulo (doutrina da ressurreição da carne e recapitulação — V livro).

O *Adversus haereses* foi escrito depois do ano 180, enquanto os três primeiros livros o foram durante o bispado de Eleutério em Roma (175-189) e os dois outros, durante o do bispo Vítor (189-198).

O texto original era em grego e se perdeu; todavia, dele foram encontradas citações nas obras de Hipólito, Eusébio de Cesaréia e, principalmente, de Epifânio (que em sua obra *Panarion* reproduz quase todo o I livro), ou em alguns papiros. E. Ter-Minassiantz descobriu e publicou uma tradução literal em armênio do IV e V livros. Da tradução siríaca foram encontrados 33 fragmentos.

A tradução latina — segundo autores como H. Jordan e A. Souter — teria sido feita na África Setentrional, entre 370 e 420; H. Koch afirma ter sido já utilizada tal tradução por Cipriano, antes pois de 250; W. Sanday diz que ela já existiria pelo ano 200. É certo que santo Agostinho conheceu o texto latino, tendo-o utilizado à farta; também o conheceu Tertuliano.

Este longo e apologético estudo é a mais antiga discussão sobre as heresias de que se tem memória. Ele

teve aceitação muito grande e sucesso tal que conseguiu estabelecer bases mortais para o gnosticismo e critérios para o fazer teológico.

Com a perda de influência dos santos Padres, a partir do século IV, santo Irineu foi caindo também no esquecimento; a Idade Média o ignorou, somente no século XVI é que foi redescoberto através de uma edição parcial de *Adversus haereses*, em 1526, organizada por Erasmo — que chamava com carinho o seu autor de “meu Irineu”.

O texto latino antigo foi retraduzido e recebeu maior elegância. Em 1710, o beneditino Massuet introduziu os subtítulos e a divisão em números atualmente em uso, uma vez que o autor apenas subdividiu sua obra em cinco livros.

O desenvolvimento e a própria exposição do livro não mantêm evolução constante; muitas vezes é prolixo, cheio de digressões e repetições — o que, por um lado, o torna um pouco cansativo, e por outro cheio de paixão apostólica. Santo Irineu não foi especulativo, nem erudito, nem homem de ciências; era homem de fé e da Igreja, bispo e, em sentido largo, “homem apostólico”, isto é: que viveu no e do ambiente apostólico.

Caráter prático é o objetivo desta obra: defender o “depósito da fé” contra os heréticos (sobretudo gnósticos), e expor com clareza aos fiéis o “cânon imutável da verdade”. Nem preocupação científica, nem artística, mas como ele mesmo dizia: “Tu não procurarás em nós — que vivemos entre os celtas, e que usamos costumeiramente a língua bárbara deles — nem a arte da palavra — que nunca aprendemos —, nem o vigor do estilo — que não procuramos —; mas o que, de forma